

SEXUAL: O CONTEMPORÂNEO DA PSICANÁLISE

SEXUAL: THE CONTEMPORARY OF PSYCHOANALYSIS

Nina Virgínia de Araújo Leite

Paulo Sérgio de Souza Jr.

Universidade Estadual de Campinas, Unicamp
Campinas, SP, Brasil

Palavras-chave: Freud; Lacan; Agamben; contemporâneo.

Resumo

Partindo dos argumentos apresentados por Giorgio Agamben no texto “O que é o contemporâneo?” (2008), este artigo procura trazer alguma luz sobre a noção de *contemporaneidade* na psicanálise. Se os processos do sistema inconsciente não têm nenhuma relação com o tempo (Freud, 1915), haveria algo que, no campo da psicanálise como tal, se poderia chamar de contemporâneo?

Keywords: Freud; Lacan; Agamben; contemporary.

Abstract

Based on the arguments put forward by Giorgio Agamben in the text “What is the contemporary?” (2008), this paper aims at shedding some light on the notion of *contemporaneity* in psychoanalysis. If the processes of the unconscious system have no relationship with time (Freud, 1915), there would be something, in the field of psychoanalysis as such, that could be called contemporary?

Mots-clés: Freud ; Lacan ; Agamben ; contemporain.

Résumé

Sur la base des arguments présentés par Giorgio Agamben dans le texte « Qu'est-ce que le contemporain ? » (2008), cet article vise à répandre la lumière sur la notion de *contemporanéité* dans la psychanalyse. Si les processus du système inconscient n'ont aucune relation avec le temps (Freud, 1915), il y aurait quelque chose dans le domaine de la psychanalyse en tant que telle, qui pourrait être appelée contemporaine?

“Os processos do sistema Ics são atemporais”
– Sigmund Freud, *O inconsciente*, 1915

Caso se esteja de acordo com a leitura de Roland Barthes a respeito da posição nietzschiana ao longo das *Unzeitgemässe Betrachtungen* [*Considerações extemporâneas*, 1873-76], o contemporâneo se trata daquilo que é da ordem do intempestivo. Será, aliás, partindo dessa observação relevante que Giorgio Agamben, no ensaio intitulado “O que é o contemporâneo?”, arrolará formulações sobre a contemporaneidade em sua radical diferença com

relação ao que seria do foro da atualidade, pressupondo que a primeira se situaria na pendência de um *descompasso* que a segunda, de certo modo, se empenharia em mitigar.

Esse descompasso – marca da impossibilidade de se estar em dia, de fato, com aquilo que terá sido o contemporâneo – parece caracterizá-lo de modo determinante, uma vez que aí estaria em cena “uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias”; e isso, por sua vez, faria com que ser contemporâneo equivalesse paradoxalmente a “ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar”.* Evocando Nietzsche, então, Agamben pensa aquilo que seria um pertencimento verdadeiro a seu tempo – pertencimento que podemos chamar de *atualidade* – como um obstáculo, com efeito, à possibilidade de ser contemporâneo, visto que a contemporaneidade implicaria precisamente uma não-coincidência do sujeito com sua época (um *décalage hors-ère* fundamental, por assim dizer).

Depreendemos ser essa tomada de posição bastante rica em consequências para além das elucubrações filosóficas, minimamente à medida que – se contemporâneo for aquele que for “capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”* – isso coloca em jogo uma dimensão efetivamente prática do ser no mundo, e convida um deslocamento do sujeito com relação ao tempo ao redor. Assim sendo, é suscitada de imediato a seguinte pergunta: se é o achado do inconsciente por Sigmund Freud que funda a psicanálise, e se, como dizia o próprio Freud,* os processos do sistema inconsciente não têm, justamente, nenhuma relação com o tempo [*keine Beziehung zur Zeit*], haveria algo que, no campo da psicanálise como tal, se poderia chamar de contemporâneo?

O contemporâneo como o enigma do atual

“Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto
o facho de trevas que provém do seu tempo”
– Giorgio Agamben, *O que é o contemporâneo?*, 2008

Para sustentar a proposição central deste artigo – que afirma ser o sexual o contemporâneo (pela concepção de Agamben) na psicanálise e/ou a partir do discurso freudiano –, importa indicar, mesmo que brevemente, a especificidade do termo sexualidade em psicanálise, alinhando-o diretamente com a lógica do funcionamento do inconsciente, porque estruturado como linguagem. Ou seja, pro-

* (AGAMBEN, Giorgio [2008] “O que é o contemporâneo?”. In: *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. V. N. Honneth. Chapecó, SC: Argos, 2009: 59, 65.)

* (AGAMBEN, Giorgio [2008]. “O que é o contemporâneo?”. In: *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, op. cit.: 63.)

* (FREUD, Sigmund [1915]. *Das Unbewußte*. Disponível em: <<http://gutenberg.spiegel.de/buch/7122/28>>. Último acesso: 13/05/2014. [G.W., XI], cap. V.)

pomo-nos, aqui, a indicar em que o sexual deve ser pensado como referido ao campo da linguagem – e, por obedecer à lógica desta, implicar o enigma. O gesto freudiano de descoberta (ou invenção?) do inconsciente não apenas retirou o termo “sexualidade” de suas amarras com a genitalidade, mas o incluiu definitivamente no campo da linguagem. Lacan, já em 1953, advertia os psicanalistas quanto ao estatuto dos fatos colocados em jogo por Freud: *trate-se sempre de fatos de linguagem*. Ora, por que o sexual está ligado com a linguagem e em que isto contribui para a aproximação com a abordagem do contemporâneo proposta por Agamben?

Nada mais precioso nessa empreitada do que retornar ao texto de 1910 em que Freud* argumenta contra a psicanálise denominada “selvagem”, e aí recolher os fundamentos da aproximação da sexualidade com a linguagem. Lembremos que, muitos anos mais tarde, Lacan afirmará que o inconsciente é efeito de linguagem – e tal afirmação, transformada atualmente em aforismo, não deixou de resultar em um encobrimento da novidade da descoberta freudiana quanto ao sentido do sexual. Daí a necessidade de, mais uma vez, retornarmos ao texto freudiano.

Nesse pequeno texto, Freud analisa a conduta de um médico que, supostamente, estaria utilizando os princípios da técnica psicanalítica ao oferecer conselhos a uma paciente que o procura se queixando de crises de angústia, especialmente intensificadas depois de sua separação do marido. Tal médico teria afirmado que a causa de sua angústia residiria na privação sexual e que, não podendo prescindir do comércio sexual com um homem, a ela restariam apenas três caminhos para recuperar sua saúde: retornar ao marido, arranjar um amante ou satisfazer-se sozinha. Os diversos erros da conduta desse suposto analista servem de motivação para o esclarecimento de questões tanto técnicas quanto teóricas, no que respeita ao entendimento que o médico revela quanto à noção de sexualidade. Segundo Freud, os conselhos que o médico oferece à paciente evidenciam o sentido que ele atribui à “vida sexual”, não sendo outro que o popular, ou seja, na esteira de uma sinonímia entre sexualidade e ato sexual. O conceito do sexual é, em psicanálise, estendido muito além de seu alcance ordinário, afirma Freud. Mas o que significa essa extensão do conceito, uma vez que logo em seguida afirmará que tal gesto de extensão implica “ultrapassar o sentido popular tanto para baixo como para cima” [*er geht nach unten wie nach oben über den*

* (FREUD, Sigmund [1910]. “Über » wilde « Psychoanalyse” [Sobre a psicanálise “selvagem”]. Zentralblatt für Psychoanalyse, 1 (3): 91-5. [G.W., VIII].)

populären Sinn hinaus]? Do que se trataria em uma extensão para mais e para menos do sentido popular?

Uma interessante observação de Shoshana Felman* permite avançarmos na análise desse aparente paradoxo. A autora parte do reconhecimento de que a relação entre a noção psicanalítica de sexualidade e o ato sexual não pode ser pensada como uma relação de adequação simples e literal, mas, ao invés disso, deve ser pensada como uma relação de *inadequação*. Isso apontaria para a complicação específica que é inerente à sexualidade humana como tal, conduzindo ao reconhecimento de uma complexa relação entre sexualidade e sentido; “uma relação que não é de simples desvio do sentido literal”, mas conduz a uma problematização da literalidade como tal.

O fato de implicar simultaneamente um *aquém* e um *além* do sentido popular imediatamente introduz o traço do contraditório como constitutivo do sentido em jogo no uso do termo “sexualidade” em psicanálise. E isso se evidencia quando Freud avança no texto para identificar um segundo erro cometido pelo suposto psicanalista. É certo, diz Freud, que a psicanálise propõe a ausência de satisfação sexual como a causa das desordens nervosas. Mas ela diz mais do que isso, ao declarar que os sintomas nervosos surgem de um *conflito* entre duas forças: por um lado, a libido e, de outro, uma rejeição da sexualidade – ou um recalque. Ninguém que desconheça esse fato poderia acreditar que a satisfação sexual em si constituiria um remédio de confiabilidade geral para os sofrimentos dos neuróticos. Portanto, os sintomas neuróticos surgem não de uma falta de satisfação, mas, sim, de um *conflito* entre duas forças. O recalque é, portanto, constitutivo da sexualidade.

O sentido literal é subvertido e negado pelo segundo fator apontado (o conflito). O que nos leva a admitir que o sentido do sexual revela que este implica sua própria obstrução, e que a noção de sexualidade em psicanálise só pode ser pensada na vigência de dois fatores dinamicamente contraditórios – com isso, o sentido do sexual só pode ser ambíguo. Na feliz formulação de Shoshana Felman,* a sexualidade em psicanálise é retórica, uma vez que ela consiste essencialmente da ambiguidade: ela é a coexistência de sentidos dinamicamente antagonistas. A sexualidade na psicanálise coloca em jogo a divisão do sentido, ou melhor, *o sentido como divisão*, como conflito.

Na esteira da abordagem ao contemporâneo feita por Agamben, talvez se possa pensar que o que comparece como enigma

* (FELMAN, Shoshana [1977]. *Writing and Madness* (Literature, Philosophy, Psychoanalysis). Palo Alto, Califórnia: Stanford University Press, 2003: 156.)

* (FELMAN, Shoshana [1977]. *Writing and Madness* (Literature, Philosophy, Psychoanalysis), op. cit.: 158.)

no tempo atual (?) indicia o contemporâneo enquanto obscuridade, uma vez que podemos pensar, com Lacan, o enigma como uma enunciação sem enunciado. Sendo assim, pensar o sentido como conflito equivaleria a circunscrevê-lo como sexual, indicando a direção em que ele sempre fracassa. “Se o discurso analítico indica que esse sentido é sexual, isto só pode ser para dar razão do seu limite”.*

* (LACAN, Jaques [1972-73/1975] O seminário, livro 20: Mais, ainda. Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008: 85.)

Questão de tempo

“A estrutura fenomenológica do desejo é justamente valorizada no grau mediato das relações [relations] do porvir”

– Jacques Lacan, *Psychologie et esthétique*, 1935

Lacan, em resenha sobre o livro de Eugène Minkowski (*Le temps vécu. Études phénoménologiques et psychopathologiques*, 1933), afirmaria que há ali um grande esforço para desespacializar o tempo – esse tempo sempre falseado pela medida, pela cronologia e pelo apaziguamento do sentido enquanto conflituoso –, embora para isso lance mão justamente de uma série de metáforas que colocam em ação a espacialidade que tanto pretende fazer desmoronar, no intuito de impelir a discussão para além do intento cotidiano: quando, sendo a temporalidade uma questão, “nós olhamos instintivamente nosso relógio ou calendário como se em relação ao tempo tudo se reduzisse a assinalar cada evento em um ponto fixo para exprimir em anos, meses e horas a distância que separa uns dos outros”.*

* (MINKOVSKI, Eugène [1933]. “O tempo vivido: estudos fenomenológicos e psicopatológicos / Primeiro capítulo” [Trad. J. L. Freitas], Revista da abordagem gestáltica, XVII (1), jan-jun 2011: 87.)

* (LACAN, Jacques. “Psychologie et esthétique”, *Recherches philosophiques*, 4, 1935: 431.)

Esse paradoxo, no entanto, encontraria um desfecho no fim do livro – com a intuição mais original da obra, segundo Lacan –: precisamente quando o autor opõe ao “espaço claro, enquadre da objetividade, o *espaço negro* do tateio, da alucinação e da música”.* Logo, vemo-nos diante de um espaço que descompleta sua própria possibilidade de ser pensado como um todo minutado; um espaço que desconhece onde estão os seus limites, os terrenos que lhe são de direito, bem como as fronteiras entre os elementos que – sob a sua jurisdição aberta – interagem; espaço que, não por acaso, se confunde com a dimensão do corpo extático:

(...) nem todos os pensamentos estão alojados na cabeça: alguns jazem, ativos, ao redor da boca, modulando o modo de comer, o timbre da voz, ou na superfície erétil dos seios; outros permanecem colados aos olhos; outros, aos ouvidos; outros, na borda do ânus;

outros também marcam o sexo que, como todo mundo sabe, não pede opinião à cabeça, e até só faz, eventualmente, o que lhe dá na sua cabeça – jogando, inclusive, contra a cabeça.*

Acrescentaríamos, aí, entre a alucinação e a música, a poesia: afinal, se “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”,* não seria por menos que o próprio Agamben faria da figura do poeta o representante do contemporâneo como tal, capaz de ver na língua suas sombras e fazer com elas algo que transgride (ao passo que também faz com que valham) as regras luminosas da gramática. Em suma, é o fato de que escutar-se/ler-se *como um outro*, é o fato de dar ouvidos ao que há do outro no código – e em si mesmo, sem negligenciar o que atravessa o falante em seu dizer (um dizer que o excede) – que constitui uma possibilidade de pensar aquilo que é invariavelmente contemporâneo ao sujeito. Isto é, aquilo que nele incide e insiste, a despeito da cronologia, sempre em dissonância com o acorde da atualidade: algo que é tão arcaico quanto futuro, visto que “a contemporaneidade se escreve no presente assinalando-o antes de tudo como arcaico, e somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo”.*

Digamos, pois, que uma problematização da definição de contemporâneo para além da ideia de atualidade é aquilo que permite depreender em que medida se poderia pensar a contemporaneidade no âmbito do inconsciente, a saber, algo na pendência de uma temporalidade que escapa por entre os dedos da cronologia e que, antes mesmo, faz desse entremeio sua morada – essa *khôra* [χώρα] de que falava Platão no *Timeu* [52b]: uma cisão radical no nível do próprio sentido; a indeterminação como tal em forma de lugar-não-lugar. E o escape dessa temporalidade se marca fundamentalmente por um comparecimento extemporâneo, por assim dizer, da origem – de modo que ela se eclipsa em seu pretense ponto de partida e se dá a ver no convívio das questões mais atuais para o sujeito, assim “como o embrião continua a agir nos tecidos do organismo maduro e a criança na vida psíquica do adulto”.* Não seria por menos, aliás, que Platãoalaria da *khôra* como sendo uma espacialidade que se oferece como que vista em sonho [ὄνειροπολοῦμεν βλέποντες, *oneiropoloumen blepontes*]; e tampouco seria por menos que, no que se refere ao sonho, Freud apontaria como sendo a sua temporalidade precisamente aquela trazida pelo verbo no presente do indicativo (*Präsens*).

* (ALLOUCH, Jean [2007]. A psicanálise é um exercício espiritual? Uma resposta a Michel Foucault. Trad. M. R. Salzano Moraes; P. S. de Souza Jr. Campinas, SP: Unicamp, 2014: 74 [no prelo; paginação citada corresponde ao original])

* (AGAMBEN, Giorgio [2008]. “O que é o contemporâneo?”. In: O que é o contemporâneo? e outros ensaios, op. cit.: 62.)

* (Ibidem: 69.)

* (Ibidem: idem.)

* (FREUD, Sigmund [1899] “Über Deckerinnerungen” [Lembranças encobridoras]. *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 6: 215-30. [G.W., I], cap. III.)

O sonho, portanto, como realização de desejo* – infantil, diga-se de passagem, o que mostra a infância originária inarredável ao sujeito e ao seu tempo coevo –, tem, em sua dimensão presente, algo de sua inescapabilidade, ao mesmo tempo que é algo inapreensível pelo tempo da vigília: o narrar do sonho não se dá sem deixar restos, da mesma forma que aquilo que resta, enigmático (o umbigo do sonho, *Nabel des Traums*, de que falava Freud), é justamente o vazio agudo em torno do qual o texto onírico se estrutura.

Não é por menos que Freud diz que o inconsciente é atemporal, no sentido em que não tem nenhuma relação com o tempo [*keine Beziehung zur Zeit*]. O que está em jogo nessa operação entre inconsciente e tempo é, para retomarmos os termos de Agamben* sobre o contemporâneo, “uma singular relação”: na esteira de Lacan, chamemo-la *rapport* [*Verhältnis*], isto é, uma relação pautada pela escrita (uma relação que se escreve) – diferente, portanto, da relação enquanto *relation* [*Beziehung*]. Ora, entre tempo e inconsciente, não há, portanto, relação, mas isso não no sentido em que se fala que *não há relação sexual* (aforismo lacaniano no qual, segundo o próprio autor, deve-se ler *Verhältnis*, e não *Beziehung*, uma vez que o que não há é a escrita do ato sexual, *rapport*, e na medida em que sua formalização é pura impossibilidade lógica). Na instância do desejo e das letras que escrevem suas articulações, “um homem inteligente pode odiar o seu tempo, mas sabe, em todo caso, que lhe pertence irrevogavelmente, sabe que não pode fugir ao seu tempo”* do mesmo modo que não pode fugir ao seu inconsciente: isto é, por mais advertido que o sujeito esteja quanto ao fato de que, para ele, há desejo, este lhe é incontornável. Dito ainda de outro modo: é inescapável o fato de que nele há algo que se impõe, que age a despeito da sua vontade, e que marca – para além da divisão entre um corpo e outro –, a própria divisão entre aquele que, ao falar de si, é de um outro que estará falando.

Se apenas se pode dizer contemporâneo “quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, sua íntima obscuridade”,* é na possibilidade de entrever *outra cena* – aquela de que nos fala Freud na *Traumdeutung** –, ou melhor, é na possibilidade de ser por ela afetado e permitir-se ressoar àquilo que nela acena, que a psicanálise verifica uma autonomia possível do sujeito na ordem do desejo. Dito de outro modo, a cisão do sentido – que dá a ver sua dimensão de conflito e o circunscribe como sexual – abre para a indeterminação, benfazeja aos

* (AGAMBEN, Giorgio [2008] “O que é o contemporâneo?”. In: *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, op. cit.: 59.)

* (Ibidem: idem.)

* (Ibidem: 63-4.)

* (FREUD, Sigmund [1899/1900]. *Die Traumdeutung* [A interpretação dos sonhos], 4. ed. Leipzig; Viena: Franz Deuticke, 1914. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/40739/40739-h/40739-h.htm#III>>. Último acesso: 13/05/2014. [G.W., II/III].)

olhos da psicanálise: indeterminação essa presente desde a anatomia (não vista como destino) até a não-fixidez do objeto de desejo (*qualquer um*, ainda que ele deixe de ser, a partir daí, *um qualquer* para determinado sujeito).

Essa cisão é aquilo que, sempre contemporâneo (presente e fugidio qual o sonho), deve ser assumido pelo sujeito para que ele possa prosseguir sem tropeçar em si mesmo, sem ver em seu desejo – que lhe é tão seu, embora por vezes lhe pareça tão estranho – um percalço para seu dever. Digamos, pois, que é na condescendência com isso que, a um só tempo, é *originário* e atual para o sujeito que estaria a possibilidade de ser *original*, de fato. A originalidade, portanto, como operação significante do sujeito em relação com a sua história, teria a ver com a aposta de ser contemporâneo a seu tempo e, por assim dizer, com a não renúncia em se reconhecer compatriota de seu próprio desejo. Evidentemente, encarar o intempestivo [*intempestif*], o extemporâneo [*unzeitgemäß*], o atemporal [*zeitlos*] – na pena de Barthes, Nietzsche e Freud, respectivamente – não se dá sem certo trabalho [*Arbeit*]. Trabalho esse que, para Freud, estava presente no sonho [*Traumarbeit*] mas também na perlaboração [*Durcharbeiten*]. Em suma, inseparável daquilo que consiste um trabalho analítico [*psychoanalytische Arbeit*], afinal: “perceber esse escuro não é uma forma de inércia ou passividade, mas implica uma atividade e uma habilidade particular que [...] equivalem a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas”.*

* (AGAMBEN, Giorgio [2008]. “O que é o contemporâneo?”. In: O que é o contemporâneo? e outros ensaios, op. cit: 63.)

Nina Virginia de Araujo Leite é professora doutora do Departamento de Linguística do IEL/Unicamp. Membro associado da Association de Psychanalyse Encore. Coordenadora da coleção Terramar, da editora Mercado de Letras, Campinas. Coordenadora da coleção Litorais da Psicanálise, da Editora da Unicamp. E-mail: <nleite@iel.unicamp.br>.

Paulo Sérgio de Souza Jr. é psicanalista e tradutor. Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ. Doutor em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem IEL/Unicamp (2012). Atuou como professor-associado na Catedra de limbă română și lingvistică generală, da Universitatea ‘Alexandru Ioan Cuza’ din Iași (2009). Foi tradutor residente do ICR/Bucareste (2013). E-mail: <zlatic.jr@gmail.com>.

Recebido em:
15/04/2014

Aprovado em:
12/05/2014